

Gosto não se discute? (Final)

José Carlos Cavalcanti

Professor de Economia da UFPE, ex-secretário executivo de Tecnologia, Inovação e Ensino Superior de Pernambuco (<http://jccavalcanti.wordpress.com>)



Ao longo de uma série de quatro artigos procurei defender o argumento de que o conceito de classe não se define só pela variável renda, e que me valeria das contribuições de dois intelectuais de peso da Sociologia contemporânea francesa: Pierre Bourdieu e Bernard Lahire. Do primeiro, apoiei-me, como visto, em sua obra mais extensa, o livro “*Distinção: Uma Crítica Social do Julgamento do Gosto*”, de 1979. E do segundo, vali-me, essencialmente, no seu livro intitulado “*A Cultura dos Indivíduos: Dissonâncias culturais e a distinção de si*”, de 2004.

Ambos os autores nos legaram uma visão sobre a formação social contemporânea baseada na associação entre as **práticas culturais** dos indivíduos e suas **posições sociais**. Ou seja, ambos privilegiam as **escolhas culturais** dos indivíduos (e, como já manifestei aqui neste espaço, gosto muito desta abordagem, uma vez que os economistas, em geral, preferem outros tipos de escolhas dos indivíduos para suas análises! Esta é, em essência, uma das minhas distinções!).

Neste último artigo da série gostaria de trazer ao leitor interessado em aprofundar o assunto, duas evidências que corroboram o argumento aqui colocado, além daquelas referências indicadas dos Profs. Bourdieu e Lahire. Uma primeira pode ser encontrada numa pesquisa desenvolvida sob patrocínio do jornal New York Times. A segunda diz respeito a um trabalho comparativo entre modelos que tentam estabelecer estratificações sociais (isto é, uma hierarquia de classes) e mobilidade no interior das sociedades complexas dos dias atuais.

No ano de 2005 o jornal The New York Times publicou um trabalho denominado **Class Matters** (ou seja, Classe Importa). O trabalho permite que qualquer um constata o que eles próprios (do jornal) passaram a defender: **classe social** nos dias de hoje é algo mais do que simplesmente classificar pessoas por faixa de renda! Envolve pelo menos a análise de quatro variáveis importantes: educação, renda, ocupação e riqueza. E as formas de se observar isso são várias; é só entrar no site (rico em dados, e diferentes

formas de observar resultados, além de amigável em termos de sua apresentação) e comprovar: <http://www.nytimes.com/indexes/2005/05/15/national/class/> .

A segunda evidência é acadêmica por essência. Ela não indica diretamente ao leitor que classe não se define só por renda, como a primeira evidência aqui indicada; ela vai muito além! O trabalho (intitulado “**Comparing Social Stratification Schemas: CAMSIS, CSP-CH, Goldthorpe, ISCO-88, Treiman, and Wright**”, desenvolvido por Manfred Max Berman e Dominique Joye, de 2001) procura demonstrar a dificuldade que os pesquisadores sociais vêm encontrando de utilizar um modelo, ou enfoque, único, que seja universalmente aceito como indicativo de uma classificação para as classes sociais no mundo de hoje.

O trabalho compara seis modelos de estratificação social que enfatizam os títulos de **ocupação profissional** como o critério definidor da posição social. Eles divergem apenas na explicação de como estes títulos se relacionam com a estratificação social. Os modelos são: a) International Standard Classification of Occupations (ISCO-88); b) O Esquema de Classes do Sociólogo John H. Goldthorpe; c) A Estrutura de Classes do Sociólogo Erik Olin Wright; d) A Escala de Prestígio do Sociólogo Donald J. Treiman; e) o Cambridge Social Interaction and Stratification Scale (CAMSIS), da Universidade de Cambridge, Inglaterra; e f) o Swiss Socio-Professional Categories (CSP-CH), da Suíça.

A conclusão geral deste trabalho é a de que o campo da estratificação social tem se beneficiado de esforços admiráveis tanto de teóricos como de empiricistas. No entanto, muitos problemas teóricos, conceituais e metodológicos permanecem na pesquisa de estratificação social. Ou seja, apesar dos avanços, a definição de quais são as **classes sociais** é um problema complexo!

Tomara que os atuais governantes (principalmente os do Ministério da Fazenda, que vêm pregando que nós temos hoje uma “*nova classe média*”) consultem um pouco os especialistas, antes de afirmarem “coisas” que estão muito distantes da realidade! Ou, como procuramos defender aqui, tenham um pouco mais de **distinção**!

Em resumo, espero que esta série tenha contribuído, em última instância, para um objetivo: que o leitor reconheça que, pelo menos em termos acadêmicos, o dito popular de que “*gosto não se discute*” não encontra guarida, e que *gosto* (um marcador de classe social) é algo que vem sendo alvo de análises profundas, e certamente ainda proporcionará muito debate no futuro!

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.